

## Mosteiro de Santa Maria do Lorvão

O mosteiro não tem aquela fantasiosa antiguidade que os velhos cronistas lhe davam. Dr. Rui de Azevedo concluiu que a sua fundação data do último quartel do séc. IX, um pouco posterior a 878, ano da tomada de Coimbra. Foi dedicado a S. Mamede e a S. Pelágio (vulgarmente S. Paio). Era mosteiro masculino. Desenvolveu-se grandemente nesse período da primeira reconquista.

Não se encontrava num sítio remoto, como é crença geral, mas ficava próximo da antiga estrada de Coimbra a Viseu, que lhe atravessava territórios contíguos e da sua jurisdição, e não longe da estrada da Beira, que outrora se aproximava mais do Mondego que actualmente.

Com o segundo domínio muçulmano decaiu, não tendo perdido a existência, sem que contudo saibamos ou possamos deduzir com clareza as suas vicissitudes nesse tempo; pôde por isso reconstituir-se e recuperar os antigos domínios, a seguir à reconquista de Coimbra (1064).

Teve a sua época de crise no ano de 1109, ano em que foi doado à Sé de Coimbra, pelo conde D. Henrique, para dotação dela, havendo como razão a sua passagem do domínio laical para o eclesiástico. Continuou a viver à sombra da Sé, sob o governo de Eusébio, acabando por ser restaurado na sua vida independente no ano de 1116. Se a sé o continuou a julgar sob a sua jurisdição e certa dependência, sendo-lhe ele mesmo confirmado papalmente em 1135, os monges consideraram-se isentos, provocando essa atitude as bulas pontifícias de 1199 e 1203, ano este em que já estavam esbulhados. Além das questões de direitos jurisdicionais surgiram outras relativas à posse de certos bens, acabando a sé por fazer uma composição, mas já com as freiras, em 1231.

Tendo-se D. Teresa, filha de D. Sancho I, separado do marido, Afonso IX de Leão, em 1196, regressou a Portugal e, auxiliada pelo pai, esbulhou os monges, para aí instalar um mosteiro feminino cisterciense, entrando para lá na véspera do Natal de 1200.

Os frades «coagidos pela força e pelo medo», como diz a bula de Inocência III, de 1210, foram uns para Pedroso e outros queixar-se a Roma. Aquela bula sanou, e mal todavia, o esbulho. Nela insinua-se a má conduta dos frades, o que inconsideradamente todos os historiadores têm repetido, insinuações que deveriam ter ido de fonte régia; para colorir a violência. A verdade, pelo pouco que podemos deduzir era outra. O Livro das Aves, escrito em 1183, o Comentário do Apocalipse, do escriba Egas, de 1189, demonstram o nível da vida intelectual; a renovação dos edifícios ou pelo menos do claustro, no último quartel do séc. XII, como indicam os restos encontrados, diz a boa ordem económica; as poucas e incompletas epígrafes sepulcrais, uma de 1198, mostram a regularidade da vida monástica.

Sob o domínio das monjas a vida foi paralela à de qualquer mosteiro rico do país; o interesse do mosteiro sob o ponto de vista de construção ver-se-á no parágrafo a seguir. O seu titular ficou a ser Santa Maria, como era próprio dos cistercienses.

As épocas construtivas mais antigas foram obliteradas pelas obras dos sécs. XVII e XVIII.

A parte mais velha hoje conservada é uma porta de arco ultrapassado que ficou no corpo de NE, no segundo piso dum corpo quadrado e de fortes paredes, integrado no conjunto, cujo valor só o levantamento de planta revelou e que poderia ter sido inicialmente uma torre de defesa. O arco, contudo, é indefinível, irregular, tendo aduelas primitivas, outras antigas mas picadas ou desbastadas, outras da época actual, aquelas de grês e de calcário, uma com uma sigla simples. Por si só não se pode datar com rigor; poderia ser da primeira reconquista, poderá e deverá ser da segunda e mesmo avançar até ao governo de D. Afonso Henriques, sendo a sigla como as da época condal, mas não podendo ele já ser da época afonsina, apesar do Apocalipse trazer desenhados muitos arcos ultrapassados.

(...) Da grande reforma do séc. XII encontraram-se rudes capitéis e impostas do claustro, que devem datar do último quartel, conforme indica o estilo.



Pertence à época manuelina uma parte das traseiras do corpo saliente de NE; escada ao primeiro andar e duas janelas, de vergas direitas mas rebaixadas e recortadas.

Pelas referências aos achados de cadáveres masculinos de abades, nas grandes obras do séc. XVII e do XVIII, vê-se que, apesar das reformas na igreja nos séculos imediatamente anteriores, ainda permanecia em grande parte o arcabouço românico.

Na primeira metade do séc. XVII (1630 na portaria) renovaram a ala de NE, ampliando-a, mas deixando englobadas partes anteriores, ala que no fim do mesmo século haveria de ter novo arranjo.

O claustro é do séc. XVII.

*Fonte: Academia Nacional de Belas-Artes, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Coimbra, por Virgílio Correia, reorganizado por A. Nogueira Gonçalves, vol. IV, Lisboa, 1952*